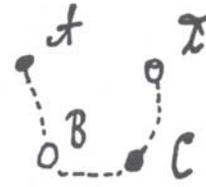
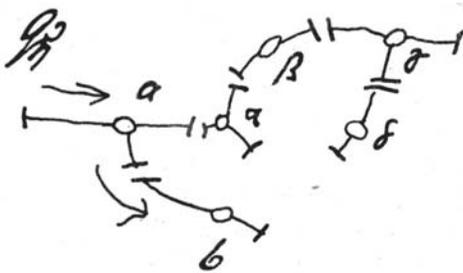


# UMA REFLEXÃO SOBRE A METAPSICOLOGIA FREUDIANA A PARTIR DA FORMULAÇÃO INICIAL DO CONCEITO DE INCONSCIENTE PSÍQUICO



POR FÁTIMA CAROPRESO\*

No momento em que as observações clínicas dos fenômenos neuróticos sugeriram a Freud a existência de representações inconscientes determinantes das neuroses, este não dispunha ainda de uma teoria psicológica que permitisse se pensar em um inconsciente psíquico e representacional. De acordo com as teorias psicológicas predominantes na época, o psíquico se restringiria ao consciente e, como conseqüência, toda representação seria necessariamente consciente. Dessa forma, para fornecer uma explicação satisfatória do mecanismo de produção das neuroses, Freud foi levado a formular uma teoria em que a consciência não mais abarcasse a totalidade do psiquismo, isto é, uma teoria em que as noções de consciência e de psíquico estivessem ao menos parcialmente dissociadas. Este artigo pretende circunscrever os passos iniciais de Freud em direção à formulação do conceito de psiquismo inconsciente e discutir algumas das implicações disso para a metapsicologia freudiana.

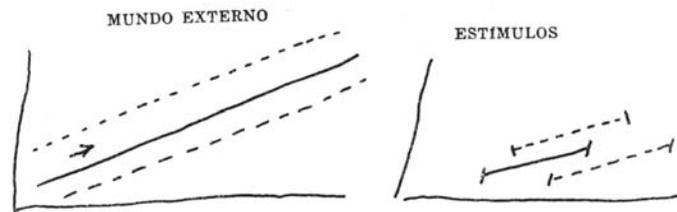


Em *Sobre a concepção das afasias*, de 1891, Freud faz uma revisão das principais hipóteses vigentes sobre os distúrbios afásicos e, a partir da recusa dos fundamentos subjacentes a tais hipóteses, propõe uma concepção alternativa sobre o funcionamento normal e a patologia da linguagem, que acaba por conduzir a uma concepção de representação que se distancia em alguns aspectos da que estava subentendida nas teorias neurológicas que, então, predominavam. A representação, de acordo com o que Freud propõe em 1891, seria o concomitante psíquico de um processo associativo cortical, que consistiria na última etapa da reorganização da informação sensorial recebida pelo sistema nervoso. Tal reorganização se daria de acordo com os princípios funcionais deste sistema e, assim, pode-se dizer que as representações seriam compostas a partir de uma organização inata e de um conteúdo adquirido. Mas a representação é ainda pensada aí como um fenômeno necessariamente consciente. Freud sustenta que os processos nervosos e os processos mentais são “concomitantes dependentes”:

*“A relação entre a cadeia de processos fisiológicos que se dão no sistema nervoso e os processos mentais provavelmente não é de causa e efeito. Aqueles não cessam quando estes começam; tendem a continuar, porém, a partir de um certo momento, um fenômeno mental corresponde a cada parte da cadeia ou a várias partes. O processo psíquico é, portanto, paralelo ao fisiológico, um concomitante dependente”.*<sup>1</sup>

<sup>1</sup> FREUD, 1891, p.70.

Essa noção sobre a relação entre os processos nervosos e os psíquicos foi emprestada, por Freud, do neurologista inglês Hughlings Jackson. Para Jackson, os estados mentais - que se restringiriam aos conscientes - e os estados nervosos ocorreriam paralelamente, mas não haveria interferência de um sobre o outro. Para cada estado mental, haveria um estado nervoso correlativo. Citando um exemplo dado por Jackson<sup>2</sup>: em uma percepção visual, haveria um circuito físico da periferia sensorial para os centros superiores e, destes, retornando à periferia muscular. A imagem visual, que seria um estado puramente mental, surgiria “durante” as (e não das) atividades dos dois elos superiores dessa corrente puramente física. Freud, assim como Jackson, mantém a restrição do psíquico ao consciente. Ao falar sobre os processos associativos que seriam os correlatos fisiológicos da representação, ele afirma:



*“Este processo não é incompatível com a localização. Começa em um ponto específico do córtex e a partir daí se difunde por todo o córtex e ao longo de certas vias. Quando este fato tem lugar, deixa atrás de si uma modificação, com a possibilidade de uma recordação na parte do córtex afetada. É muito duvidoso que esse fenômeno fisiológico esteja de algum modo associado com algo psíquico. Nossa consciência não contém nada que possa justificar, do ponto de vista psicológico, o termo “imagem latente de recordação”. No entanto, cada vez que o mesmo processo cortical volta a ser suscitado, o fenômeno psíquico anterior emerge novamente como recordação”<sup>3</sup>*

Dessa forma, de acordo com as hipóteses formuladas em *Sobre a concepção das afasias*, o psíquico se restringiria ao consciente e, portanto, a expressão “representação inconsciente” - que pouco tempo depois começa a ser empregada por Freud - se entendida literalmente, se apresentaria como uma contradição em termos. Cabe indagar, pois, quais desenvolvimentos teóricos vão permitir a Freud incorporar a noção de representação inconsciente em sua teoria.

Nos textos sobre as neuroses imediatamente posteriores à publicação da monografia sobre as afasias, o termo “subconsciente”<sup>4</sup>, assim como “inconsciente”, começa a ser empregado para descrever o mecanismo psíquico das neuroses. No entanto, nesses textos, a noção de representação inconsciente permanece totalmente obscura, uma vez que, de acordo com o que Freud havia proposto em 1891, o psíquico se restringiria ao consciente e não é fornecida, nesse período, uma hipótese substitutiva sobre a relação entre o psíquico e o consciente. Em alguns momentos, Freud tende a identificar os processos inconscientes a processos puramente físicos, mas esta identificação não chega a ser cabalmente afirmada. Nos *Estudos sobre a histeria* (1895), ele reconhece que não possui uma hipótese definida sobre as representações inconscientes responsáveis pela gênese das neuroses, e aponta a necessidade de uma reflexão sobre a natureza da consciência para que seja possível esclarecer essa questão. Este parece ter sido um dos motivos que o levaram a redigir o *Projeto de uma psicologia* (1895), texto este onde o conceito de um inconsciente psíquico começa a ser esboçado.

No *Projeto...*, Freud tenta explicar os processos psíquicos normais e patológicos a partir de dois postulados principais: a “quantidade” e o “neurônio”. Ele desenvolve a idéia de um “aparelho neuronal”, onde ocorreriam tais processos, cujo funcionamento e estrutura seriam determinados pelo “princípio de inércia”, isto é,



Josef Breuer

<sup>2</sup> JACKSON, 1884, p.72.

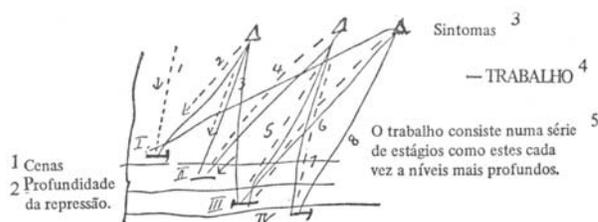
<sup>3</sup> FREUD, 1891, p.71, grifos nossos.

<sup>4</sup> Segundo Laplanche & Pontalis, não parece haver diferença, no uso freudiano, entre “subconsciente” e “inconsciente”, nesse período (1998, p.494).

por uma tendência a descarregar toda a quantidade que incidisse sobre o aparelho. O aparelho neuronal descreveria processos que ocorrem no sistema nervoso e que podem ser relacionados a regiões anatômicas do cérebro. Nesse texto, Freud expande o conceito de psíquico em relação ao de consciência, atribuindo uma natureza psicológica aos processos nervosos que, em 1891, eram considerados como sendo apenas o concomitante dos fenômenos psíquicos. Ele identifica a representação ao processo cortical associativo e desloca o paralelismo, que antes definia a relação entre os processos psíquicos e os nervosos, para entre os processos psíquicos inconscientes e os conscientes. Ao comentar a relação da sua teoria da consciência com as demais, Freud afirma:

*“Segundo uma teoria mecanicista avançada, a consciência é só um aditivo aos processos fisiológico-psíquicos, cuja supressão não alteraria em nada o curso psíquico. De acordo com outra doutrina, a consciência é o lado subjetivo de toda ocorrência psíquica, portanto, inseparável o processo fisiológico anímico. Entre ambas situa-se a teoria aqui desenvolvida. Consciência é, aqui, o lado subjetivo de uma parte dos processos físicos no sistema nervoso...”*<sup>5</sup>

A consciência acompanharia apenas uma parte dos processos físicos que constituiriam o psíquico inconsciente. Uma parte dos processos associativos que constituiriam a representação teria concomitantes conscientes e, então, a inconsciência passaria a ser o estado originário e predominante das representações, e a expressão “representação inconsciente” perderia seu caráter contraditório e poderia ser incorporada à teoria freudiana. A consciência passa a ser concebida como algo que pode ou não se acrescentar a uma representação, dependendo de certas condições e, dessa forma, deixa de constituir a totalidade do psíquico e passa a constituir sua menor parte:



*“Temos tratado os processos psíquicos como algo que poderia prescindir deste conhecimento dado pela consciência (...). Se não nos deixarmos desconcertar por tal fato, segue-se desse pressuposto que a consciência não proporciona nem conhecimento completo, nem seguro, dos processos neuronais; cabe considerá-los em primeiro lugar e em toda extensão como inconscientes e cabe inferi-los como as outras coisas naturais”*<sup>6</sup>

Os processos psíquicos inconscientes seriam objeto de estudo da ciência natural, pois possuiriam a mesma natureza dos demais objetos das disciplinas científicas, isto é, consistiriam em processos físicos envolvendo quantidades e neurônios. Já a consciência, ao que parece, estaria fora do campo da ciência natural. A seguinte afirmação de Freud sugere isto:

*“Até agora não discutimos de nenhuma maneira que toda teoria psicológica tem ainda, além dos desempenhos decorrentes do lado científico-naturalista, de satisfazer uma grande exigência. Ela nos deve explicar aquilo que conhecemos da forma mais enigmática através da nossa “consciência”*<sup>7</sup>

Então, os processos psíquicos inconscientes, por serem processos físicos, deveriam ser abordados de uma perspectiva científico-naturalista. Os processos psíquicos conscientes, por possuírem, talvez, natureza distinta, estariam excluídos da ciência natural e deveriam ser tratados de uma outra perspectiva. Dessa forma, a metapsicologia teria como objeto de reflexão os processos físicos que constituiriam

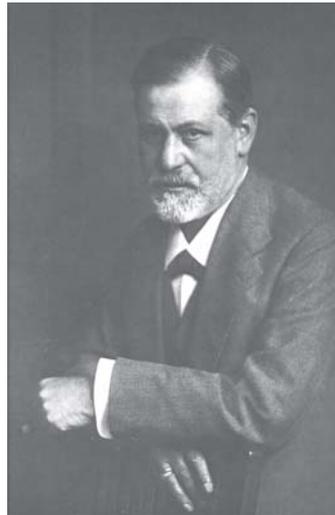
<sup>5</sup>FREUD, 1895, p.25.

<sup>6</sup>FREUD, 1895, p.22.

<sup>7</sup>FREUD, 1895, p. 22, grifos nossos.

o psíquico inconsciente: ela seria, assim, uma espécie de neuropsicologia especulativa. Com isso, Freud parece sustentar um certo dualismo metodológico para a abordagem dos fenômenos psíquicos, que abre espaço para uma abordagem do psiquismo inconsciente nos termos da ciência natural. A consciência exigiria uma abordagem de outra ordem, que não chega a ser especificada.

Freud parece ter mantido esse ponto de vista ao longo de toda a sua obra. No *Esboço de psicanálise* (1938), ele retoma essa idéia sobre a relação de concomitância entre o psíquico consciente e o inconsciente e afirma claramente a identidade entre o psíquico inconsciente e os processos físicos. Diz ele:



*“... esses processos conscientes não formam séries sem lacunas, fechadas em si mesmas, de modo que não haveria outra alternativa a não ser adotar a suposição de uns processos físicos ou somáticos concomitantes do psíquico, aos quais parece necessário atribuir uma perfeição maior do que às séries psíquicas, pois alguns deles tem processos conscientes paralelos e outros não. Isto sugere, de maneira natural, pôr o acento, na psicologia, sobre esses processos somáticos, reconhecer neles o psíquico genuíno e buscar uma apreciação diversa para os processos conscientes”*<sup>8</sup>

Ele acrescenta que essa posição adotada pela psicanálise, segundo a qual o psíquico legítimo são os processos somáticos paralelos aos conscientes, permite tratar parte da psicologia como uma ciência natural:

*“Enquanto a psicologia da consciência nunca saiu daquelas séries lacunares, que evidentemente dependem de outra coisa, a concepção segundo a qual o psíquico é em si inconsciente permite configurar a psicologia como uma ciência natural como as outras”*<sup>9</sup>.

Dessa forma, a estratégia inicial usada por Freud para incorporar a noção de inconsciente em sua teoria psicológica foi atribuir uma natureza psíquica a uma parte dos processos nervosos, instituindo, assim, uma cisão, no interior do campo da psicologia, entre uma psicologia do inconsciente - que seria uma ciência natural, dado que teria como objeto de estudo processos físicos - e uma psicologia da consciência - que possuiria uma abordagem distinta. Dessa forma, a metapsicologia freudiana consistiria em uma teoria especulativa sobre o modo de operação de uma parte dos processos que ocorrem no sistema nervoso, os quais constituiriam o psíquico inconsciente. A formulação inicial da noção de inconsciente psíquico, portanto, parece indicar que a metapsicologia freudiana possui pretensões muito mais realistas do que normalmente se supõe, e a reafirmação, em 1938, dessa mesma concepção sobre a relação entre os processos psíquicos conscientes e os inconscientes sugere que essas pretensões foram mantidas por Freud até o fim de sua obra.



<sup>8</sup> FREUD, 1938, p. 156.

<sup>9</sup> FREUD, 1938, p. 156.

### Referências Bibliográficas:

- FREUD, S. (1891). *La Afasia*. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1973.
- FREUD, S. (1892-93). “Un caso de curación por hipnosis”. In: *Sigmund Freud Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, vol. 1, p. 147-163, 1998.
- FREUD, S. (1983). “Algunas consideraciones com miras a un estudio comparativo de las parálisis motrices orgánicas e históricas”. In: *Sigmund Freud Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, vol. 1, p. 191-210, 1998.
- FREUD, S. (1894). “Las neuropsicoses de defensa”. In: *Sigmund Freud Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, vol. 3, p. 41-68, 1998.
- FREUD, S.; BREUER, J. (1893-95). “Estudios sobre la histeria”. In: *Sigmund Freud Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, vol. 2, 1998.
- FREUD, S. (1940 [1938]). “Esquema del psicoanálisis”. In: *Sigmund Freud Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, vol. 23, p.133-210, 1998.
- FREUD, S. (1950). *Projeto de uma psicologia*. Rio de Janeiro: Imago, 1995.
- JACKSON, J. H.(1878-79). “On affections of speech from disease of the brain”. *Select Writings of John Hughlings Jackson*. New York: Basic Books, p. 155-170, 1958.
- JACKSON, J. H. (1879-80). “On affections of speech from disease of the brain”. *Select Writings of John Hughlings Jackson*. New York: Basic Books, p. 171-183, 1958.
- JACKSON, J. H. (1884). “Evolution and dissolution of the nervous system”. In: *Select Writings of John Hughlings Jackson*. New York: Basic Books, p. 45-118, 1958.



---

\* Fátima Caropreso é doutoranda do PPG em Filosofia e Metodologia das Ciências da UFSCar.  
fatimacaropreso@uol.com.br